

DIÁRIO DO PIAUHY

Orgão Oficial dos Poderes do Estado



ANNO IV

Assinaturas
Anno 15.000
Semestre 8.000

TERCEIRA, domingo, 26 de abril de 1914.

Redação e officinas Praça Rio Branco n. 57

VENDA AVULSA
Numero do dia 100
Numero atrasado 200

N.º 93

Films

A propositio do Mexico

Ainda ha pouco diziamos que as nacionalidades latinas tem em alta dose a illusão da liberdade e embaldadas na qual entregam-se, da quando em quando, á pratica dos mais condemnaveis excessos. E gasto o melhor das suas forças e das suas energias em temerarias jornadas após as quaes vêm-se apenas um pouco de pó e um pouco de sangue, não raro é o ficarem á mercê de alguns despotas e em regimens que de livros tão somente têm vistas e enganadoras exterioridades.

Ante a ideia estonteante de liberdade são como que irriqueitas mariposas, que se deixam fascinar e attrahir pelos encantos da luz, até sentir queimarem-se-lhes as proprias azas. Não é uma affirmativa vã, mas uma observação que se funda na autoridade de eminentes sociologos, e, ainda mais, na autoridade irrecusavel dos factos. A grande revolução mesmo, que foi ella? Estupenda orgia de sangue que acabou por fazer Napoleão. E nas republicas latino americanas tudo isto é essencialmente verdadeiro e constitue como que a maior tortura d'essas nacionalidades novas, que querem ser livres á sombra dos mais elevados principios da democracia, mas lhes falta alguma cousa de importante e indispensavel, que lhes impede de exercitar bem, segundo as normas do bom senso a propria liberdade. Se algumas ainda não deram tão grandes provas de incapacidade, conseguindo manter-se em um plano mais elevado, vivem e progredem dentro d'uma ordem aliás muito relativa, — nas restantes, comprehendendo a grande maioria andam a debater-se na mais repugnante anarchia. Quorem ser livres, mas a liberdade escapa-se-lhes qual terrivel phantasma. E as guerras civis, as luctas intestinas são frequentes e os despotas succedem-se uns aos outros. Estas chegam mesmo a constituir o meio-preferido como o mais facil de adquirir-se o poder. O Mexico, por exemplo, está ha muito, a exibir um lamentavel espectáculo d'essa natureza; desde que entendeu de libertar-se do braco forte de Porphirio Diaz, que o conteve e o fez progredir por alguns decennios, nunca mais logrou senão a infeliz Republica. A guerra civil fomentada pela rivalidade entre generaes ambiciosos, a pilhagem, o assassinato politico não, no momento, á quella fertilissima zona americana um tremendo aspecto de terror. Um movimento de rebellião chegado pelo general Madero, expulsou do paiz o velho ditador. Mas, outros e mais cruentos movimentos seguiram-se e, desde então, a nação não conheceu mais a paz, nem outro dominio que o de ditadores ferozes e da mais perniciosa incompetencia, que a têm arrastado á ruina e ao mais elevado grão de desretrato.

Quando o fusilamento de Madero e de outros, a mandado do actual ditador, general Huerta, despertou por toda parte justificados sentimentos de revolta, dos Estados Unidos, sympathicos como eram á causa d'aquelle general, partiu a ideia duma intervenção no Mexico no intuito, diziam, de pacificar o paiz e mantel-o na ordem constitucional. Fallou-se, então,

com insistencia em acção conjuncta da opulenta federação norte-americana, do Brazil, Argentina e do Chile, nessa sentida. Mas uma circular do dr. Murature, ministro das Relações Exteriores da Argentina a todos os representantes do governo argentino no estrangeiro, firmando e justificando a doutrina de não intervenção nas contendas internas das nações americanas, foi recebida por estas com significativos gestos de especial contentamento e, desde então, nunca mais tratou-se d'essa acção conjuncta, que uma vez levada á effecto tornar-se-ia uma tremenda ameaça á soberania dos estados, ao mesmo tempo que collocaria as principaes Republicas da America numa posição profundamente odiosa e antipathica para com as demais do continente. Em excellento artigo a "Nacion" commentou, então, a doutrina Murature e entre outros conceitos judiciais externou os seguintes: «A circular que dirigiu o ministro das Relações Exteriores aos representantes argentinos no estrangeiro vem em hora opportuna para desfazer presumpções que, nem por lhes faltar fundamentos, eram occasionadas, com a sancção do silencio do nosso governo, por apreciações erroneas a respeito da sua attitude numa supposta intervenção conjuncta. Com perfeita clareza, sem reticencias, nem reservas mentaes, o ministro das Relações Exteriores deixou de novo estabelecido que a politica constante da Republica Argentina tem sido e continuará sendo a de não intervir nas contendas civis dos paizes irmãos, por mais doloroso que seja o espectáculo que essas contendas offereçam».

Mas, os Estados Unidos, partidarios ferrenhos da politica contraria, a da intervenção e que não perdem ensejo para pô-la em execução em favor das suas pretensões imperialistas, jamais perdoaram o sr. Huerta e, estando um momento ante o horror da responsabilidade, á espreita, seguíam, cautelosos, o curso dos acontecimentos, na pista d'um pretexto com que possedem desfazer a sua projectada acção *manu militari* contra a irriqueita Republica vizinha, dia a dia mais exausta pela guerra civil que lhe consumia todas as energias. Não bastou, para isso, o do fusilamento do subdito inglez Benton á ordem do general rebelde Pancho y Villa, com o qual tiriam em seu favor o elasticismo da famosa doutrina de Monroe. Ante o desejo de intervir havia tambem o de acatullar outros interesses de summa importancia, não despertando as desconfianças e os protestos das demais nações americanas. Era preciso, pois, um pretexto de mais efficacia. Não apparecia? Provoaram no elles proprios, fazendo desembarcar mariñeiros e a Tampico, que mi naturalmente ao promoverem desordens, foram presos. O motivo da prisão era o bastante, pois a honra da grande Republica estava em jogo e a exigir um desagravo, não na altura da supposta afronta, mas conforme o quizesse bem o entaquelleso o governo norte americano. Um inquerito sobre o incidente e a punição dos culpados, nada d'isso poderia apianar tão soberana colera; seria preciso que o governo mexicano fizesse que as forças do seu exercito desfilassem em continencia ao pavilhão estreado. Mas uma

tal exigencia importaria numa humilhação tremenda para uma nação em pleno gozo de sua soberania e a attendê-la, na mais baixa das covardias para um governo. Pouco importa, no isso ou a intervenção *manu militari* dapóia... o ambicioso e desagravo. Terrivel dilemma, ante o qual o Mexico preferiu honrosa e heroicamente a ultima hypothese, no que terá, sem duvida, o apoio moral das demais Republicas americanas, que sempre demonstraram o maior escrupulo no que concerne á independência e soberania. E sem outra attitude era licito esperar das tradições de bravura da terra dos aztecas. E se operar-se a annunciada reconciliação, como se affirma, das forças rebeldes e federalistas, os Estados Unidos não do ver que lhes custará bem caro o arrojio da sua jornada. O Mexico exausto, combatido pelas luctas intestinas ha de provar-lhes, assim mesmo, que «saberá morrer quem viver não soube».

Mas ante tão gravissima e milindrosa situação para a sua vida de povo soberano, quanto de saudade não terão os mexicanos d'esses bens e pacificos tempos de Porphirio Diaz. Uma fatal visião de liberdade levou-os a expulsar o velho ditador que com a firmeza do caracter e tino de verdadeiro estadista trouxe ao estado longos annos de paz e prosperidade, — para cahirem depois no rigorismo do mais nefando caudilhismo politico e, agora, torem os Estados Unidos, a oportuna e á porta, como que arvorados em grande policia, a pedir contas á sua soberania, ora ameaçada pelo imperialismo yankee. E seja isto ao menos um exemplo edificante para as demais nações latinas, que se devem acatullar, na certeza de que um povo não terá nunca o governo, que por ventura se possa idealizar, mas o que fór de facto, conforme ás suas tendencias e ás suas disposições de caracter. O Mexico repellido, depois de tantos annos de paz, um ditador de capacidade incontestavel, nem por isso consegue ser mais feliz; cahi, ao contrario, no jugo de ditadores ferozes que, por fim, levam o paiz ao ponto de ser risado do mappa das nações soberanas da America.

Simplicio Mendes

Impressões

Alguns jornaes do Rio illustram a sua pagina de honra com o retrato do joven 2.º tenente Edgard Facó, o bravo official que, tão brillantemente, acaba de se distinguir no sangrento combate de Caragoatá, realiado em 9 de março ultimo.

E' uma justa homenagem que lhe rende a alta imprensa de seu paiz, além das manifestações de regoio com que, em Curitiba, ao regressar elle da campanha que tem roubado tantas e tão preciosas vidas, foi recebido pelos jornaes daquela cidade, que bem interpretaram o sentir do povo paranaense. E, como um attestado ainda mais eloquente do alto valor e da inextinguivel bravura do intrepido tenente Facó, ahí estão os depoimentos insuspeitos dos seus superiores, que affirmam ter elle repellido e aniquillado galhardamente, á arma branca, com o seu pelotão, os bandidos que se ap-

prouveram em perturbar a ordem e a tranquillidade do futuro estado do sul.

Delle disse o capitão Vieira Rosas, chefe da *Carta Itinerario*, o seguinte: «é um valente, capaz de muito fazer, não intimidando-o o numero de ferozes bandidos». Esse valôr, essa energia, essa coragem do joven official deram-lhe, pois, direito a que o commandante e os officiaes do seu regimento, associados á grande e compacta massa popular e aos representantes de todas as classes sociais, ao terem noticia da sua proxima chegada, se dirigissem á gare da estrada de ferro afim de aguardarem a entrada do comboio que o conduzia.

E' facil de conceber-se a curiosidade de todos, que ahí se premiam emocionados, e em cujo seio a presença do heroico soldado ia despertar um fremito de alegria e enthusiasmo.

Mesmo nos mais longinquos recantos do Brazil, embora longe, muito longe do theatro dos acontecimentos, onde quer que pulse um coração verdadeiramente patriota, os gloriosos feitos desse digno moço a quem nos referimos, não poderão passar despercebidos. Por toda parte brota espontaneamente por elle um sentimento de admiração; cada coração brasileiro deve sentir-se tocado pelo delirio das suas victorias. Assim foi que o «Diario do Piauhv» com o intuito louvavel de homenagear-o ao supponnos, transcreveu em sua penultima edição, a interview que o illustre e brioso official careense concedeu a um dos redactores do «Diario da Tarde» de Curitiba, sobre a sanguinolenta pelega havida entre as forças expedicionarias e os fanaticos de Paraná, nas proximidades do famoso reducto do Caragoatá, de cuja interview se evidencia o ardôr da luta de que elle, mesmo vendo cahir em inanimados, ao estrugir das balas, diversos dos seus dignos e valentes camaradas, conseguiu sair victorioso, depois de debandadas as vultosas forças inimigas.

O pelotão do 5.º regimento, sob o seu commando, soffrendo, de emboscada, forte fuzilaria, tendo quasi interceptada a sua marcha, praticou feitos de temeridade e heroismo, fazendo recuar fanaticos, pagmos de tanta valentia! Foi ahí que cahiu baleado o seu infeliz companheiro, 1.º tenente Beisido, fatal circumstancia que o não fez esmoecer, chegando, ao contrario, o tenente Facó a bater-se de corpo a corpo, servindo-se apenas de sua espada, por ter engastado a sua pistola, attingindo assim o apogeu a sua já reconhecida bravura.

E nós, absolutamente profanos á arte militar, sem grande sympathia pela carreira das armas, todavia temos em vista, ao traçarmos estas linhas, associarmos ao culto de admiração que os brasileiros têm o dever de prestar áquelle que tão nobre e honradamente, com risco da propria vida, soube tambem cumprir o seu dever, esse dever sagrado que a lei lhe impõe em defesa da Patria.

O Piauhv, a querida terra onde nascemos, si não teve a gloria de lhe servir de herço, to-

davia tem motivo de orgulhar-se com os triumphos do distincto militar, porquanto é elle ligado pelo coração a uma formosa filha deste pequeno, mas glorioso pedaço da terra do Brasil. E ella, a joven patria, com a candidez da sua alma angelica, sem duvida lhe deve ter ateadado no coração já ardente o amor pelo que ha de mais nobre, de mais bello, de mais elevado e de mais santo, que é a Patria.

Salve, pois, muitas vezes salve o tenente Facó, o grande triumphador de Caragoatá!

F. C. B.

Entrelinhas

Já nos chegaram os pormenores do combate de Caragoatá, em que os fanaticos de Taquarassú enfrentaram as forças do exercito.

E' o drama de Canulos, que se repete. Os fanaticos do Paraná reproduzem as mesmas cenas des-nroladas annos atraz no sertão bahiano.

Bastam, por si sós, estes dois grandes exemplos para que a attenção dos poderes competentes se volte para o abandono em que jáz a população inculta dos nossos sertões, permitindo que a ignorancia dê lugar ao fanatismo mais grosseiro, convertendo-se em elemento de ameaça de perigo para a ordem e a tranquillidade do paiz.

Pensando a respeito dessa gente rude, nascida nos ermos e nas selvas da nossa patria, que, antes de chegada a contingencia de ataques á metralha deveria o poder publico se ter preocupado com o abandono em que sempre permaneciam.

E' essa uma misera gente, cujo heroismo bronco a Patria ajuja não soube converter em força in'tel gente na integração da nacionalidade.

O deputado federal dr. Correia de Freitas foi ultimamente, em pessoa, á Taquarassú, sede dos fanaticos.

Ali se demorou dois dias, no patetico intuito de conseguir a dispersão.

De volta, s'innu que rão ha bandidos entre os fanaticos, como se propalava. «Sgo pobres, lavradores, embutecidos e afastados dos centros civilizados, cansados de soffrer attentados, perseguições e extorções dos mandões dos seus logares».

D'ahi aconsellar, em vez da metralha, que diz-ma e varre, «uma catechesis conveniente, feita por pessoas bem intencionadas, uma acção mais demorada de boa doutrinação á gente tão segregada do mundo e do progresso, capaz de trazel-a ao convívio da civilização sem os horrores da chacina».

Facemos votos para que os poderes publicos realizem, embora um pouco tardiamente, a medida que a dolorosa experiencia está a apontar, no sentido de evitar que novos reductos de Canudos e Taquarassú venham a encher de sangue as paginas por escrever da historia da nossa patria.

L. C.

Um feriado

Traz o numero 155 B, o decreto de 14 de janeiro de 1890, do governo provisório da Republica, declarando os dias feriados das nationaes. Em o numero desses está o dia 3 de maio—consagrado ao descobrimento do Brasil.

Qual fosse o fundamento em o qual se estribasse o governo para operar semelhante transformação da data do descobrimento do nosso paiz, não o conhecemos.

João Ribeiro, um dos mais conspicuos historiadores patrios, combatendo essa injusta alteração já o disse: signorada nos primeiros tempos a data verdadeira, o sentimento religioso imaginou-a a 3 de maio, dia da Invenção da Santa Cruz. Dadas as condições sociais do tempo daquelle grande feito, epocha aurea da influencia religiosa, parece a unica causa explicavel a que invoca o grande philologo brasileiro. Pena é que o eminente historiographo esboçou somente a ideia, tão luminosa aliás, em duas linhas de sua Historia do Brasil.

Entretanto, muita gente supõe: que a data do descobrimento do Brasil para 3 de maio e devido a alteração do calendario juliano feita pelo papa Gregorio XIII.

Hugo Buoncompagni, elevado ao lugar de supremo chefe da igreja catholica, com o nome de Gregorio XIII, em 1572, dentre os relevantes serviços prestados á corte romana, desde a repressão de suas inclinações mundanas, na phrase de Cantú, á extraordinaria diffusão da instrução, fez a reforma do calendario organizado por Julio Cesar, immortalizando, assim, o seu pontificado.

Posto em execução no dia 5 de outubro de 1582, diversas circunstancias, maximé a aversão por tudo quanto vinha de Roma, foi demorada a sua adopção. (1) A Alemanha só o adoptou em 1609; a Hollanda, a Dinamarca e a Suissa em 1700; a Inglaterra em 1753. Os Russos rejeitaram-no, igualmente os Gregos que conservam o calendario juliano.

Mas, examinemos em que consistiu a reforma adoptada por Gregorio XIII.

Com indicações de um sabio astronomo da Alexandria (2) Julio Cesar reformou o calendario, dividindo o anno em 365 dias e 1/4, determinando que em cada periodo de 4 annos, tres fossem de 366 e seguinte com 365, descobrindo, então, a denominação de *anno bissexto*.

Mas tratou em 175, a igreja, pelo Concilio de Niceia, discutindo a reforma do calendario, resultando em adoptar o Calendario Juliano com uma clausula somente—os annos bissexto deveriam ser aquellos cujo millesimo fosse divisivel por 4.

Talhando-se os recursos, embora elementares de mathematica, tomemos os A. F. I. C. em sua obra *Elementos de Cosmographia*, citando desse auctor a parte relativa aos erros do calendario juliano.

«Esta reforma do anno, diz F. I. C. embora diminuisse o erro, não o fazia desaparecer completamente. Assim, cada anno novo, em lugar de ser demasiado curto, como antes era, tornara-se mesmo longo de 365 d., 25—365 d., 242256, isto é, de O. 007744 de dia, estes erros accumulando-se com o decorrer do tempo, deviam produzir desaccordo consideravel entre o anno civil e o anno tropico»

(1) Conti, Historia Universal.
(2) Idem

Na estrada

Dá-me o braço, Senhora, e vamos indo
Pelo rumo floral das primaveras;
Aonde nós chegarmos—entra rindo
Nos palácios em festa ou nas taperas.

Quando a tarde chegar e for cahindo
Nos meus cabellos o branco das eras,
Enxuga-me o suor, num pranto infindo,
Enquanto eu chore as ultimas chimeras.

Na velhice, nós dois, cançados, juntos,
Vamos rezando ás almas dos defuntos,
Beijando altares e beijando santos...

Quando eu cair vencido, anjo celeste!
Viva minha alma á sombra do cypreste,
Orvalhada das gottas dos teus prantos.

Baurdilio Mangabeira

Foi essa, então, a causa determinante da reforma de Gregorio XIII. Já em 1582, isto é, 1257 annos depois do Concilio de Niceia, o ermo juliano era de o. 007344. X 1257, ou seja 9 d., 734208, e o equinoxio da primavera, tinha lugar no dia 11 de março em vez de cair no dia 21.

Fixando o equinoxio, da primavera no dia 21 de março—igualmente como no anno do Concilio de Nicéa—Gregorio XIII diminuiu dez dias por um decreto pelo qual o dia 5 de outubro de 1582 seria o dia 15 daquelle mez. Fez mais. Para não precisar a sua reforma de uma outra reforma, isto é, desviava de um futuro erro, em cada periodo de 400 annos subtrahiram-se tres bissexto, determinando que só recebessem essa denominação os annos seculares cujo numero de seculos fosse divisivel por 4.

Vê-se, pois, claramente, que a reforma do calendario não abrangia a data do descobrimento (em 1500) e «se a correção retroagiu de 82 annos para alterar a data do descobrimento, porque não há de abranger outras datas? É uma verdadeira incoherencia alterar-se a data do descobrimento do Brasil, conservando intactas as da chegada de Colombo a America (12 de outubro de 1492) e até o dia da viagem de Cabral a 9 de maio de 1500 e muitas outras.

«Concebe-se, pergunta Rocha Pombo, semelhante aberração de deslocar todas as datas até 325 ou de, no meio de todos esses 12 e meio seculos, mudar apenas uma data e pondo-a assim em collisão com outras datas?»

Uma circumstancia, ainda, affasta in totum a hypothese da reforma gregoriana para a mudança da data do descobrimento do Brasil para 3 de maio, e é que sendo o fim essencial, como vimos, daquelle acto do supremo chefe da igreja catholica, supprimir os dez dias em que se achava em atraso o calendario de Julio Cesar, recarria não no dia em que precitua o decreto do governo provisório—3 de maio e sim a 2.

Effectivamente, se contarmos de 22 de abril até 3 de maio, teremos 11 dias; logo, pelo calendario reformado, deveria ser a 2 de maio a data do descobrimento.

Sobre esta questão o sr. Miguel Lemos (3) combatendo a ideia do general Beaupaire Rohan, fez notar o engano desse illustre official, já extinto, que pretendeu conciliar a data de 3 de maio para o descobrimento do Brasil, baseado na citada reforma do papa Gregorio XIII. Estende-se, ainda, o argumento de Miguel de Lemos, ao que disse o insigne historiador brasileiro sr. visconde de Porto Seguro, sobre o pretenso 3 de maio.

A respeito de Varnhagen disse aquelle escriptor: «Foi sem duvida por ter verificado este engano, que Varnhagen, na 2ª edição (4) de sua *Historia geral* (1877), applicando, por sua vez, ao caso, a correção gregoriana, tomou por ponto de partida não o dia 22, mas o dia seguinte, que de facto corresponde a 3 de maio.

Mas o historiador nacional illudiu por esta forma a dificuldade, porque o que está em questão não é saber qual o dia de Abril de 1500 que, feita a correção gregoriana, corresponde a 3 de Maio.

A questão é saber a maneira de conciliar esta ultima data geralmente adoptada durante seculos, com o da descoberta propriamente dita, isto é, com o dia em que a gente de Cabral avistou a terra pela primeira vez e era a descoberta, e não o primeiro trato com os naturaes, que se admittia celebrar entre nós a 3 de maio».

Refere-se Varnhagen, para justificar a alteração da data, aos primeiros tratamentos entre os tripulantes da esquadra de Cabral, com gente de terra (os indios) deixando á margem o dia do descobrimento—22 de abril.

E, nada mais incoherente pois, o principal documento historico do memoravel feito de Pedro Alvares Cabral—a carta do escrivão da armada, Pero. Vaz de Caminha que sobre aquelle acontecimento diz: «se assim seguimos nosso caminho por este mar de longo até terça-feira, oitava da Paschoa que foram 21 de abril que topamos alguns signaes de terra, sendo a dita ilha segundo os pilotos diziam, obra de sessenta e sessenta ou setenta leguas, os quaes eram muita quantidade de hervas comprimas a que os marianes chamam «botelhos», e assim outras a que também chamam «rabo de asno» e a quarta-feira seguinte, pela manhã, topamos aves a que chamam «fura buchos», e neste dia, a hora de vespera, houve-vos visto de terra, &c.»

Assim historicamente não procede o que affirma Varnhagen.

Conclue-se, pois, que a opinião de maior fundamento e que parece a unica plausivel para explicar a mudança da data do descobrimento de 22 de abril para 3 de maio é a de João Ribeiro por nós acima citada. Foi, incontestavelmente, devido ao espirito religioso aquella mudança e, tanto é assim que historiadores antes de 1852—antes da reforma de Gregorio XIII—já davam a data do descobrimento a 3 de maio. E nada mais porque esse é o dia da invenção da Santa Cruz...

Bricio Valdez.
Thr, 22 de abril de 1914.

(4) A 3ª edição dessa Historia, retila por Capistrano de Abreu, diz o mesmo.

Telegrammas

Serviço especial do DIÁRIO DO PIAUHY

INTERIOR

RIO, 24.
Foi nomeado director do posto zootechnico do Pinheiro o agronomo Paulino Cavalcanti.

RIO, 24.
Apresentaram-se ao ministro da guerra os senhores generaes Thaumathurgo de Azêvedo e Feliciano Mendes de Moraes, que vêm de ser postos em liberdade.

RIO, 24.
Acaba de ser promovido, ao posto immediato, o major dr. Estanislau Pamplona, Director Geral dos Telegraphos.

DO ESTADO

PARNAYBYBA, 25.
O sr. dr. João Silva tem sido muito felicitado pela sua merecida remoção de Piracuruca para a comarca d'essa capital.

PARNAYBYBA, 25.
Foi o seguinte o resultado da eleição aqui: coronéis João Augusto Rosa e Constancio Carvalho 852 votos cada um.

BARRAS, 25. (h. 18)
A eleição de hoje demonstrou a pujança do elemento governista barrensense. Reuniram-se todas as mesas, cada candidato tendo 358 votos.

EXTERIOR

ARGENTINA

BUENOS AYRES, 24.

A visita do dr. Oswaldo Cruz, a esta capital vai dar lugar a muitas manifestações de admiração ao eminente brasileiro por parte da classe medica e dos homens publicos argentinos.

Varias comissões ja foram organisadas nesse sentido e convites ja são feitos para essas justas homenagens ao sabio brasileiro e dignissimo sul-americano. A «Nacion» estampando-lhe na pagina da honra o retrato, publicou sobre o notavel cientista um artigo encommeastico.

ESTADOS UNIDOS

WASHINGTON, 24.

O encarregado dos negocios do Mexico acaba de pedir passa-porte para o seu paiz ao secretario de estado das relações exteriores. Comunicam do Mexico que o encarregado lá dos negocios americanos confiou os archivos da embaixada á logação brasileira.

WASHINGTON, 24.

O governo americano publicou declarações de que não alimenta a ideia da conquista do Mexico, nem de guerrear a nação mexicana, mas somente a sua acção visa obrigar

o governo Huerta a respeitar os direitos americanos em Tampico.

WASHINGTON, 24

Os chefes revolucionarios realizaram importante reunião com espartidarios do general Huerta, ficando deliberado a junção das forças rebeldes ás federaes, afim de dar-se combate aos americanos, expulsando-os do territorio do paiz.

Entretanto, a nota que o general rebelde Carranza remetteu ao governo americano declara o general Huerta um usurpador, lamenta que os Estados Unidos agissem precipitadamente e convida-os a dirigirem as suas reclamações ao governo constitucional do paiz, que saberá examinal-as com espirito de justiça e conciliação.

TELEGRAMMAS OFFICIAES

O exmo. sr. sr. governador recebeu os seguintes telegrammas:

Rio, 23.—Penhorado agradeço. Cordiaes saudações.—Ministro Marinha.

Florianopolis, 21.—Congratulo-me com v. exc. pela passagem data de hoje.—Vidal Ramos.

Palcos e telas

O Cinema Guarany, levou, antes de hontem, um bello programma cujo fim de destaque foi *A Maldição da Mumia ou o anel batido*, certamente, a melhor fita exibida por aquelle cinema. Não obstante o valor da fita a empresa esqueceu-se de um relemo, que para a sessão de antes de hontem bem valia até mesmo para os habitues do Guarany.

Disse-nos o chefe da empresa que talvez a possa repetir a. Para o *matinée* hoje, ás 2 horas, o Guarany dara cinco fitas comicas.

A noite levará um programma variado constando de sete importantes e já conhecidas films:

Um dia em Montevideo e o *Ultimo abraço*. Destacou-se entretanto a *Bebe policia á Torja* ainda não conhecida

Os Estados Unidos compraram á Russia, em 1867, o territorio do Alaska, pelo cortejo de 43,000 contos de reis, e o presidente Johnson, que negociara a transação, foi então asperamente censurado, por ter pago tao caro um «stock» de ursos polares em um deserto gelado.

Fois os criticos e trocistas de 1867 que porventura foram ainda deste mundo, podem seguramente attestar a levandada e injustica com que se pronunciaram. Hoje, o «Georgial Survey» avia em 51 milhões de contos de reis, quarenta e seis dos quaes só para hulha, as riquezas mineras daquelle «deserto gelado».

E as avaliações officiaes dos resultados já obtidos são positivamente magnificas. No correr do ultimo anno economico, fordoceu o Alaska ouro no valor de 43,000 contos; cobre, no valor de 15,000 contos; e peles, no valor de 3,000 contos. Ao todo, o excedente das exportações sobre as importações ultrapassou, em um só anno, 43,200 contos, quasi o dobro do preço por que foi comprado o Alaska... E houve quem o achasse caro de mais!

O capitão Paiva Couceiro

famoso organisador da invasão realista em Portugal

Chega incognito ao Rio

Como um reporter do "Diario" o descobre e obtém d'elle rapida entrevista

De ste hontem que se acha no Rio, tendo chegado no "Princípessa Mafalda", vindo de Genova com escala por Barcellona, o capitão Paiva Couceiro, justamente considerado como o maior adversario da Republica Portuguesa.

Viajando incognito, com um nome supposto, afim de não chamar a attenção para a sua pessoa, o capitão Couceiro, cuja viagem ao Brasil era conhecida somente do sr. Joaquim Freire, presidente da Liga Monarchica d. Manoel II, não desembarcou directamente no cães Pharoux.

De bordo do grandetransatlantico italiano elle seguiu em companhia do sr. Freire, em lancha, para a ponte da Igreja, em S. Christovão, onde os aguardava um automovel que os conduziu para a rua Progresso n. 4, residencia do proprietario do Moimho de Ouro.

Como foi reconhecido o capitão Paiva Couceiro

O cabecilha realista, que durante toda a viagem de Barcelona para o Brasil se conservava sempre no seu camarote, que estava tomado em nome de Carlos Albano, só foi reconhecido ao fundar o "Princípessa Mafalda" na Guanabara, depois de visitado o transatlantico pelas autoridades policieas e da saúde publica. Foi o sr. Padovani, conhecido agente de embarque do Lloyd Italiano, o primeiro reconhecê-lo famoso conspirador.

Intrigado com a excessiva cautella com que o sr. Joaquim Freire procurava informar-se do camarote do passageiro Carlos Albano, o sr. Padovani, levado por simples curiosidade, seguiu disfarçadamente o proprietario do Moimho de Ouro até ao camarote n. 7. Ahí, ao bater discretamente o sr. Freire, quando menor era o movimento de bordo, o capitão Couceiro, abrindo a porta e vendo uma pessoa que o olhava com insistencia, puxou sobre os olhos a casquette, rotando para o camarote.

Era tarde. O sr. Padovani tinha reconhecido o viajante mysterioso.

Na pista

O nosso companheiro que regressava de bordo, onde fôra receber o dr. Eugenio Garzon, nosso illustre hospede, já na escada teve um aviso do sr. Padovani da interessante descoberta.

Alguns minutos mais, a um signal do sr. Freire atrazava ao "Princípessa Mafalda" a lancha "Inhá", onde embarcou precipitadamente Paiva Couceiro e o seu companheiro.

Um pequeno incidente

Ja a "Inhá" largar quando o representanted' "C Diario", num pulo ganhou-lhe a prôa.

Sentindo uma pessoa estranha na sua lancha, o sr. Freire dirigiu-se impaciente ao nosso companheiro e interpellou-o:

—Como pretende viajar o sr. nesta lancha, sem minha autorização?

E voltando-se para o patrão: —Atraque de novo para esse cavalloheo descer.

Vendo ser inutil qualquer recurso susorrio, o redactor d' "O Diario" teve de lançar mão de um processo talvez perigoso, mas certamente effizaz, porque o sr. Joaquim Freire accomodou-se rapidamente:

- Somos da policia...
—Não comprehendendo, porem, o motivo da sua presença aqui...
—Simples: tive ordem da

ver onde se hospedará o sr. Paiva Couceiro, que viajou sob o nome de Carlos Albano, no "Princípessa Mafalda"...

—O sr. pode poupar-lhe o trabalho de segui-lo, uma vez que me informe se o companheiro vai ficar na sua residencia...

—Mas elle não é quem o sr. pensa... E' um amigo meu, Carlos Albano, negociante no Porto...

—Nesse caso poderemos dar um pulo até a policia maritima, afim de tirar isso a limpo.

A impressão do "estado de sitio" parece ter sido decisiva.

O sr. Freire brandamente confessou tudo, apens pedindo que se occultasse da imprensa o occorrido.

A viagem da "Inhá" tornou-se então facil. Seguiram tolos para a ponte da Igreja.

Uma rapida entrevista com Paiva Couceiro

O tempo urgia. Era preciso arrancar alguma coisa do famoso chefe realista.

Como a conversar, o nosso representante, mantendo sempre o seu caracter de policial, interrogou disfarçadamente o companheiro do sr. Freire:

—Ven da Italia?

—De Barcelona...

—Entretanto estava morando na França...

—Desde janeiro que me achava na Hespanha.

—E vem conhecer o Rio...

Em passeio?

—Sim, em passeio... Desde muito tempo que o meu amigo Freire me convida para passar algum tempo no Rio, cidade que desejava muitissimo conhecer...

—E está satisfeito com a primeira impressio?

—Naturalmente encantado...

—Porque viajava incognito?

—Oh! meu amigo, venho para gozar um pouco de repouso...

—Sem o recurso do incognito não poderia viver sosegado. Conto que existia aqui muita gente que me quer um pouco, e necessariamente teria de passar uns dias muito movimentados...

—Para as missões reservadas é mesmo conveniente guardar bastante reserva e fugir a popularidade...

—Mas é que eu não venho em missão alguma. Viajo para descansar...

Vejo, porem, que a policia brasileira é bem feita.

Sabe que não fui reconhecido a bordo, por nenhum dos passageiros?

—Acredito; entretanto tive-mos aviso do seu embarque em Barcelona...

—Não seria indiscreto perguntar o nome do informante?

—Não; foi o nosso agente especial de informações...

—Bem feito o serviço. E eu que julgava ter tomado todas as cautelas para não ser reconhecido...

A entrevista findava com a chegada da lancha á ponte da Igreja.

Cinco minutos mais, depois de renovar com insistencia ao nosso companheiro o seu pedido fóra que não fornecesse nota alguma á imprensa, o sr. Joaquim Freire tomou o automovel 2027, em companhia de Paiva Couceiro em demanda da sua residencia, á rua Progresso n. 4, onde se acha hospedado o cabecilha realista.

D. Raimunda Teixeira, residente á avenida "Antonino Freire", casa n.º 5, prepara vestido e qualquer costura para senhora, por preço modico.

O TYPO NACIONAL

E' hoje verdade geralmente aceita que, para a formação do povo brasileiro, concorreram tres elementos: o selvagem americano, o negro africano e o portuguez. Do cruzamento das tres raças resultou o mestiço que constitue mais de metade da nossa população.

Qualquer daquelles elementos, bem como o resultante delles, possui qualidades da que nos devemos ensoberbecer. Nenhum delles fez mal a humanidade, ou a deprecia. E se não vejamos...

Na carta em que Pero Vaz de Caminha comunica a el-rei d. Manuel o descobrimento de Cabral, narra elle o primeiro encontro entre a gente civilizada e os aborígenes.

Conforme já acentuou uma vez eloquentemente em occasião solenne (a abertura do Congresso Juridico Americano, de 1909) as impressões oriundas do primeiro encontro foram todas favoráveis aos indios. Mostraram-se bonitos, serviaes, confiantes, sociaveis no seu amistoso acolhimento. A um aceno, depõem as armas. Não trepidam alguns em dormir nas mãos recém-vindas e desconhecidas. Recebem outros em suas miseras choças os portuguezes que se embrenham pela nova terra. Restituem, á mais leve reclamação, objectos subtraheidos. Entabulam relações pacificas, sem violencia nem fraude. Ajudam os hospedes a conduzir para o sitio mais proprio a cruz talhada na floresta virgem. Assistem respeitosa a missa e ao sermão do frei Henrique, imitando os gestos devotos dos christãos. Tratam com humanidade os degradados deixados nas suas plagas e esses degradados vivem serenamente entre elles, formam familia, despozando indias. Revelam, numa palavra, nobres e raros prediceos.

E sempre succedeo, mais ou menos assim.

Revoltaram-se, quando elles procurou tirar a independencia, submettendo-os á servidão.

Pondo de parte certas tribus nativamente ferozes manifestou, de ordinari, boas disposições accessivas á catechese dos missionarios, jamais refractarios a melhoria.

Houve os que trucidaram o bispo naufragado d. Pero Fernandes Sarilinha e cerca de 100 pessoas de sua comitiva, conservando-se a traição de que, depois desse dia, nenhuma flôr ou herva asseu mais no logar outrora fértil e bello da medonha hecatombe. A crueldade, porem, era excepção.

Praticavam largamente a hospitalidade. Todos os chronicistas historiadores nacionaes notam-lhes os habitos hospitaleiros, devidos, talvez, a superstições religiosas. Entre as attribuições do cacique figurava a de acolher egual os hospedes da taba.

No meio dos selvagens, ou descendentes dos selvagens brasileiros, salientam-se não poucos homens notaveis.

Tibiriqui, sogro de João Ramalho muito auxiliou os jesuitas. Ararigobya ajudou os portuguezes a repellido os francezes do Rio de Janeiro.

De Ararigobya narra um historiadore que, indo visitar o governador Salomé, deu-lhe esta cadeia e esta se assentou, cavalgando uma perna sobre a outra, conforme costumava.

Advertiu-lhe o governador, por meio do interprete, não ser aquella boa cortezia, quando fallava com um representante d'el-rei. Não sem coiera e arrogancia respondeu o indio: "Se tu soberbas queo caçadas eu tenho as pernas das guerras e tu que servi a El-rei, não estranharás dar-lhes agora este pequeno desaoço; mas, já que me achas pouco cortezão, eu me von la para minha aldeia, onde não curamos de estas poças, e não tomarei mais a tua corteia."

Cunhambebe foi amigo de Anchieta. O pai de Cunhambebe chefe tanoyó, celebrisou-se

como almirante de uma esquadriha de canoás muita vez victoriosa em combate com os navios portuguezes.

Jaguary, conforme narra Southey, foi accusado pelos portuguezes, de quem era alliado, durante a guerra contra os hollandezes, de haver desertado para estes.

Protestou, allegando ter ido buscar entre os inimigos a mulher e os filhos. Incredulos, mettem-no os portuguezes 8 annos num carcere, de onde o tiram os hollandezes, victoriosos. Vendo-se solto, dirige-se á sua tribo e lhe diz: "sanram ainda os signaes das minhas cadeias; mas é a culpa, não o castigo que infama. Quanto peor me trataram os portuguezes, tanto maior será o vosso e o meu merecimento, conservando nos fieis ao serviço dellas especialmente agora que o inimigo os aperta."

E, de facto, levou aos seus condennadores forte contingente. Jaguary, era tio de Antonio Felipão Camarão, Poty, um dos heróicos da epopéa pernambucana. Taes os serviaes de Camarão, que Felipão IV da Hespanha lhe concedeu o título de don, a comenda de Christo e o posto de governador a capitão general de todos os indios. Pintam-no os contemporaneos affavel com os seus subordinados, cortez com extranhos cheio de dignidade com superiores, sempre preoccupado de manter illezo o decoreo.

Quando Antonio Vieira foi preso no Pará por um motim triumphante contra os jesuitas, só uma india, que lhe era agra-decida, o sou lavar-lhe a alimentação ao calabouço, atravéz as santinellas furiosas. Aneçaram-na, coitada, de ir queimar-lhe a choça. "Quei-meim, respondeu-lhe; com o fogo cozi-harei a comida para o padre."

Assim, sem os exaggeros da phantasia reconstruam-se a historia dos nossos indios traços sublimes. E quantas figuras lendarias, como a de Paraguassú, affilhada de Catharina de Melicis, levada a França por seu esposo Diogo Alvaros, o Caramarú e a de Moemá apaixonada do mesmo, seguida a nado o barco em que ella ia, até, exhausta, desaparecer nas ondas!

O proprio governo da metropole reconheceu officialmente a superioridade dos indigenas brasileiros (alvará de 4 de Abril de 1755) determinando que os vassallos do reino na America que casassem com indias não ficariam por isso com infamia alguma, antes se fariam dignos da attenção regia, e quando alguns filhos ou descendentes desses matrimonios trouxessem requerimentos perante El-Rei, lhe fizessem saber esta qualidade, para, em razão della attendel-os mais particularmente.

João Francisco Lisboa fez curioso parallel entre os costumes dos selvagens brasileiros e dos antigos germanos, immortalizados por Tacito.

Afonso Celso.

Eleição.—Realizou-se hontem a eleição em todo estado para preenchimento de duas vagas que se abriram na Assembléa Estadual. Foram unicos candidatos votados nesta capital os apresentados pelo P. R. C. Piahyense, coronéis João A. Rosa e Constançio de Carvalho e Souza, dois nomes que por si só são as melhores garantias do exito. Um velho e honrado funcionario publico aposentado, a quem o estado deve grande somma de relevantes serviaes. Outro p'litico de solido prestigio no municipio de Jaicós e que ja tem representado por mais de uma vez o seu estado no congresso estadual.

No proximo numero, daremos o resultado da eleição de hontem nesta capital, o que não fazemos, hoje, por não ter sido possivel.

O AMOR DE NELSON

Calais e Douvres são duas plastras terrestres da ponta molle da Mancha, na passagem da França para Inglaterra e vice-versa.

Calais já mereceu muito. «Abram-me o coração, observei a rainha, inglesa, ali encontrarei a palavra Calais».

Nesta cidade, em 1833, existia humilde cemiterio. Nelle o matto crescia com vontade como o esquecimento abafara a memoria da mór parte dos defuntos da necropolisinha, dentro da qual um monumento cahia aos pedacões.

Tumulos desprezados são sempre pungentes, verdadeiros aleites da morte.

Sobre o monumento olvidado havia restos de inscripção latina

Liam-se ainda estas palavras:

... que ... Colesia

Via in Gallia vocata et in domo CXI obiit Die XV mensis Januarii A. D. MCCCXV wlatius sus. LI.

Que indicava a inscripção, roida pelo tempo? Apenas a sepultura de uma das formosuras mais celebres do mundo, a cova de Lady Hamilton, a amante de Nelson, a padroeira da marinha inglesa, segundo as expressões do proprio Nelson.

Quem se perder, ainda hoje, na aldeia de Nesse no paiz de Galles, nada encontrará nesse obscurissimo recanto do globo para lhe despertar o interesse ou beliscar a curiosidade.

E' logorejo, cujos pardiiores tortos parecem ter dancado muito, parando um pouco ao redor do campanario.

O milagroso visitante de Nesse, se n' presyte o alleio folhear o livro de registro da parochia, encontrará estas linhas, numa pagina acafoada de idades decorridas:

Any (tu) filha de Henrique Lyon de Nesse e de Maria sua mulher, baptizada a 12 de maio de 1765.

E' o baptisterio da defunta de Calais.

Procuramos achar o claro entre a pia e a cova.

Ignora-se o anno do nascimento de Anna Lyon de Nesse. Julgam-na de 1763.

Orphã de pai em tenros annos, aos dez era criada de servir. Aos quatorze estava em Londres. Foi ahí ama secca, dama de companhia, rainha.

Desses infimos empregos passou para a deshonestidade, pela mão de varios sujeitos conhecidos. Entre elles se alistava o official de marinha Payne, envalhecia o baronet sir Harry Fetherstoneham e brilhava sir Charles Frantz Greyville, aparentado com a nobreza do Reino Unido. Era s'brinho de sir William Hamilton, irmão collaço e amigo intimo de Jorge III e delle embaixador na corte de Naples.

Sir William, viuvo, rico, colleccionador fervoroso, tinha graça, a graça inglesa, forte e fria, sal e gelo, sorveto do espirito, darreten-lo-se com o da confectaria, não grado a sciidz das apparencias.

Um exemplo do chiste de sir William, desjoço de pregar uma peça a alguns antiquarios. A p'ler de paciencia, ensinou um macaco a pegar numa lente e a examinar com ella medallas antigas, imitando á maravilha os gestos e os tiques dos numismates.

Naoa vi na Lavea "O Macaco Antiquario" sem me lembrar da Sir William.

G'வில், sobriho desta, conheceu um planx. Aproximar o tio da querida E.ani. O velho apaixonar-se-ia. Não tornaria a casar. A baroaça cahira mossa n'ontem sobrinho-artirito.

E uma foi para Naples, em 1785. H'esperou-se na embaixada inglesa, num palacio s'ntal e qual.

Das janellas se divisa formoso panorama. A direita, o monte Paullippo arredonda-se como

a curva de um seio nos peitos da terra. A esquerda, o castello do Ove adianta-se no mar, espionando as orographias de Sorrento e as oceanographias de Capu.

Em Nopoles, Greville desvendava a Emma o segredo da vingenda della. Devia captar a confiança e os amores de Sir William.

Emma responde á infamia com gritos de indignação magoadada e de amor ferido, entre alternativas de furor e de fiança. Anadurece, então, um plano, destinado a humilhar Greville, exaltando-se: casar-se com Sir William.

Consequo-o. A 6 de setembro de 1791, na capellinha de Marylebone, em Londres, Emma Lyon transformouse em Lady Hamilton, esposa legitima de Sir William Hamilton, embaixador de S. M. Britannica na corte de Nopoles.

O casal dirigio-se em seguida para Nopoles, com escala por Paris, onde Luiz XVI já começava a recuar, a recuar, a recuar, até o esbarro final, na guilhotina.

Em Nopoles reinava Fernando IV, Bourbon hespanhol, admiravel specimen de rei incapaz, genro de Maria Thereza, marido de Maria Carolina da Austria.

Maria Carolina era ambiciosa. Vivia descontente com o reinado popolitano. Itavase de inveja vendo a irmã Maria Antonieta no throno de França e de Navarra.

Lady Hamilton chegou á capital de Fernando IV e de Maria Carolina, onde, em setembro de 1793, chegou tambem o navio inglez «Agamemnon». Trazia a commissão de recrutar dez mil homens necessarios a defesa de Toulon, em poder dos Inglezes. Trazia a bordo o capitão Horacio Nelson. Era um marido de trinta e cinco annos, baixo, calvo, de rosto comprido, magro. Havia casado com uma burguezia, que não o comprehendia.

Nelson desenhava-se. Das paixões cerebraes supprimia a paixão asento do peito: um olho illuminado aos Francezes, odio e em todos os caracteres de molestia mental e um amor infinito pela patria.

Pouco conhecido, vegetava em cruzes e esteiras a longinquos. Vivera sem brilho no paiz de Norfolk, em modesta casa de campo, sem distracções, vivendo a terra e cuidando do jardim.

Conseguiu por fim romper a obscuridade. Em setembro de 1793, estava na bahia de Nopoles, com uma frota inteira ás ordens.

Nelson travou relações com Lady Hamilton. Depois se casou com a filha de Nopoles e foi combater no Egypto, onde a 1 de agosto de 1798, reduziu a zero as unidades da esquadra franceza na bahia de Aboukir. Ahi perdeu um olho, como em Toulon, e deixou a um braço.

Regressou a Nopoles, e Lady Hamilton, entusiasmada, captou em seu glorioso braço unico do admirante.

Maria Carolina exultava. Ia vingar-se, vingando Maria Antonieta!

Ruina parte estava no Egypto, eliminada, segundo a austriaca. O directorio era um governo de molles enterrado na lama. A Inglaterra, a Russia e a Turquia formavam ao lado de Nopoles. O exercito napolitano era em passo de passeio até Paris.

Abriu-se alaceramente a campanha. Quize mil Napolitanos debandaram tres mil Francezes. Em dezesseis dias a França proclamou a republica cisalpina.

Tal nova proluzia na corte hounonica o effeito de apear entrar num viveiro de passaros mudos.

Maria Carolina quiz resistir. Forçou-lhe o sangue de Maria Thereza. A familia real, os embaixadores estrangeiros refugiavam-se a bordo da esquadra de Nelson. Pesada, com o pasto humano de dous mil regimentos, abriu velas para Palermo.

Foi apossada, em alto mar, por hedionda tempestade. Um dos filhos dos reis de Nopoles morreu de convulsões durante a borrasca.

Sir William Hamilton, ficou no camaroto, extenuado, com duas pistolas á cabeceira para arrembentar os miolos no caso de naufragio.

Queria, por motivo bem inglez, «evitar a intoleravel impressão do glu-glu d'agua nagarganta».

Lady Hamilton, em toda a crise, prestou inolvidaveis e corajosos servicos.

Championnet e Maedonald instruiram em Nopoles a Republica Parthenopense. O primeiro entrou a pilhar e a exigir da população dezeseis mil contos. Mas os francezes pouco se detiveram em Nopoles. Nelson regressou com a familia real.

A volta assignalou-se por uma reacção violenta, brutal, grotesca.

Enforcaram o almirante Caracciolo, accusado de haver alderido á Republica Parthenopense.

Denittiram S. Januario de padroeiro de Nopoles e nomearam Santo Antonio para o cargo vago. S. Januario pronunciou-se pelos francezes, coagulado em favor delles o seu famoso sangue.

Maria Carolina ficava em Palermo. A verdadeira rainha de Nopoles é, porem, Lady Hamilton, a bordo de «Fadroyant», ao lado de Nelson, pondo e dispondo, mandando e desmandando, desmandando-se tambem.

Em 1800 apparecem os dissabores. Sir Hamilton foi dispensado de embaixador inglez em Nopoles. Nelson começou a ser maisinado por desaffectos, fingindo-se escandalizados com a paixão delle por Lady Hamilton. Fallava-se vagamente em Antonio e Cleopatra.

Lady Hamilton teve de voltar para Londres onde aguardavam inimigos e inimizadas. Parte «Demora-se» em Vienna onde passava um urso, sentada na mesa perto delle, cortando-lhe o bife, enquanto o vencedor de Aboukir segurava o leão della.

Nelson e os Hamilton chegaram por fim á Inglaterra. De Yarmouth a Londres a viagem foi triumphal.

Cidades, aldeas, sinnetes grupos de casas á beira da estrada embebeiravam. O povo desatrollou os animados do carro onde viajavam Nelson e os seus amigos e puxou o vehiculo para alivio dos mares.

Só uma pessoa londrina não compareceu á recepção de Horacio Nelson: foi a mulher delle. Ahi acabaram separa los de vez mas sem divorcio.

Das relações de Nelson e de Lady Hamilton proveio uma manina, Horacia. Pouco depois desse nascimento, Nelson emprehendeu uma campanha no Baltic, ás ordens do almirante Hyde Parthor, sem embargo de já ser o vencedor de Aboukir.

A 6 de abril de 1803, morreu Sir William Hamilton nos braços da mulher, que julgava o modelo das esposas, apertando a mão de Nelson, tido por amigo leal, pelo caracter mais recto possivel, por ignorar o agostanista a existencia de Horacia.

Lady Hamilton enviou do marido e dispoz-se a enviar de Nelson, designado para servir no Mediterraneo, á vista dos preparativos de Boulogne para a invasão da Inglaterra.

Hamilton deixou os seus enbadaes ao sobrinho Greville, seu antecessor junto de Lady Hamilton. Pelo testamento do marido, esta ficou quasi sem nada. O governo inglez fez-se de surdo ao pedido de Lady Hamilton, solicitando um premio pelos servicos prestados á Inglaterra em Nopoles. A rainha Maria Carolina imitou o governo.

Lady Hamilton viu-se em apuros de dinheiro. Chamava «puros» a uma renda de 15.000\$. Realmente o que isso representa annualmente para uma depadora? São, em geral, as

despezasinhas inconsideradas que acabem com as grandes fortunas. Os tonneis esvasiavam pelos furos.

No fim de fevereiro de 1804, Lady Hamilton deu a luz a uma segunda filha de Nelson, Emma. Morreu aliás com poucos mezes. Nelson sentiu-lhe profundamente a perda. No meio da dor, sonhou com uma vida de repouso e de amor, ao lado da companheira de sorte, da mãe de suas filhas.

Podemos, escrevia a Lady Hamilton, encavar hoje o futuro e contar com numerosos dias de ventura, cereados por nosos netos. O Todo Poderoso, quando lhe approuver, aplinará o obstaculo.

O obstaculo era Lady Nelson. Nelson, no sítio de Merton, entre Epsom e Wimbledon, preparava-se para descontar a letra de longa folicidade.

Era em agosto de 1805. Nos começos de setembro, o capitão Blackwood transpoz os umbraes de Merton House para comunicar a Nelson que o seu collega francez, o almirante Villeneuve, á frente das esquadras reunidas do Mediterraneo e do Oceano, ameaçava de novo a Inglaterra.

Foi isso a 2 de setembro de 1805. A 13, de noite, um carro parou diante de Merton House. Vinha buscar Nelson, deputado para combater Villeneuve e a França.

Batia dez da noite, Horacia dormia. Nelson aproximase do berço. Ajoelha, reza e abraça a criança sem dispertala.

Emma chorava. De subito um ruído de guizos expira na volta da alameda. O carro rodava, Nelson seguia para combater Napoleão. A folicidade partia atrás da victoria.

A 29 de setembro Nelson conseguiu bloquear a esquerda de Villeneuve.

Offereceu-lhe esse dilemma bello: encerrar-se no porto de caliz ou combater, Villeneuve acollou a segunda parte do dilemma, em Trafalgar, a 21 de outubro de 1805.

Antes da batalha, Nelson foi ao seu beliche. Amarrou papéis, acrescentou codicillos ao seu testamento. Contemplou longamente o retrato da adorada Lady Hamilton. Antes de subir ao convez, deixou sobre a secretária, incompleta, uma carta cheia de saudades della.

Uma bala na espinha dorsal, momentos de angustia e de dor, a certeza de derrota total e irremediavel por muito tempo da esquadra franceza, taes foram os epilogos de Trafalgar para Nelson.

Morreu com os nomes da mulher amada e da filha nos labios.

A Inglaterra, salva em Trafalgar, recebeu o cadaver do heroe com lagrimas, honra, sequitos, pomposos, e sobretudo com o desafogo da libertação.

A esposa e a familia de Nelson receberam avultadissimas pensões. Só o reverendo William Nelson, irmão do almirante, teve 120.000 libras.

Lady Hamilton ficou esquecida, desprezada. Entretanto, um codicillo de Nelson lho assegurava 25.000 libras, uma annuidade de 500 libras e a plena posse do sítio de Merton.

Em 1811, Lady Hamilton estava na maior penuria, tendo até de vender o gopinho de prata da filha, presente de Nelson no baptisado de Horacia.

Durante dez annos lutou, supplicou, envidou-se, escoreou pela vida a baixo até as profundezas da miseria.

Fugiu de Londres. Queria escapar ás dentadas das dividas e ás unhas dos credores. Refugiou-se em Calais. Ahi, a 15 de janeiro de 1815, dez annos depois de Nelson, a uma hora e meia da tarde, num quarto despido e triste, ao lado da filha, morreu a antiga Embaixatriz ingleza amante adorada de um heroe, da qual o mundo saudara o apparecimento radioso, cuja belleza inspirara os artistas de mais talento e que fora festejada e adulada pela Europa inteira.

Horacia, a filha de Nelson, viviu durante sete annos na familia de uma das tias, e desposou em 1822, o pastor reverendo Felipe Ward. Morreu octogenaria em 1881, ha trinta e tres annos.

Lady Hamilton teve o destino das aventureiras infelizes. Sahu da obscuridade para o fulgor mundano, cahindo na pobreza, no olvido, no escarnio. Não soube supportar a desgraça á migua da luz fixa das idéas christãs. Caminhou na existencia ao clarão intermitente dos foguetes de lagrimas do prazér e da sociedade.

Vida do nada, chegou a ser muito. Se, na verdade era uma aventura, uma mulher de mãos costumes, teve tambem a desdita de ser conservada pela Inglaterra, por largo tempo, como representante feminina da nação, em Nopoles, na terra estrangeira.

Não pode evitar que populações a festejassem ao lado de Nelson. O principe de Galles, o high-life a propria familia de Lady Nelson durante annos a forcaram a receber homenagens, obsequios, considerações.

O seu máu destino collocou-a ao alcance do pincel de mestres eminentes, ansiosos por fixarem a imagem della nas suas melhores telas.

A antiga ama secca, a ex-riada, a ex-raixeira de loja, foi amiga de rainhas, valeu-lhes, serviu a Inglaterra, defeitos horriveis dos quaes se não corrigiu a tempo.

A virtude avariada de Lady Hamilton escandalizou a Inglaterra. A sua casa de Merton, onde vivia com o marido e com Nelson, regorgitava de homens, de mulheres e crianças, embora os donos da casa offendessem gravemente a moral publica.

Lá estavam o pai, o irmão, as irmãs e as sobrinhas de Nelson, os parentes de Sir Hamilton, officiaes de marinha, artistas diplomatas.

Lady Hamilton era gastadora imprevidente. Resolvia as difficuldades, dando-lhes costas. Nunca, em materia financeira, pôde ser formiga. Foi coherentemente cigarra a vida inteira. Nem lhe faltou saber contar muito bem.

De certo a nação ingleza não era obrigada a estipendar uma tal aventureira, nem recompensal-a publicamente ao lado da familia do heroe de Trafalgar, equiparando-a á deshonesta condecorada por Paulo I, ezar de todas as Russias, com a cruz de Malto por ter obtido viveres para a ilha de Malta nos apertos de um cerco. A cruz maltesa era distincção excepcionalmente concedida a mulheres.

Os homens, no feroz e costumeira policia das taras recilprocas, podiam condemnar a reproba.

A nação devia lembrar-se que Trafalgar fóra obra de Lady Hamilton.

Emquanto Lady Nelson, espirito estreito e miudo, desdenhosa das glorias do marido, recebia do Parlamento pensão principessa, Lady Hamilton foi até frustrada do legado do almirante moribundo, cujo ultimo pensamento preencheria.

Com effeito, Nelson pensou nella sómente desde que a deixara em Merton, junto ao berço da filha, até deixar a vida no convés do «Victory».

Indigna para os outros, adorada para elle.

No canehno de bolso de Nelson foi encontrada a seguinte invoação:

Sexta-feira, á noite, ás dez e meia, sahi do carro Merton, onde desamparo o que tenho de mais precioso no mundo, para servir o meu rei e o meu paiz.

Oxalá consinta o Todo Poderoso, por mim edorado, que eu esteja na altura de corresponder aos votos de minha nação e, se assim approuver ao Omnipotente, que culvoita, minhas açoes de graças serão offerecidas sem cessar perante o throno da misericordia divina.

Se a Providencia entender romper-me a vida, inclino-me com a maior submissão, espe-

rando que protogerá os entes idolatrados por mim e que deixo no mundo. Pnea-se a vontade de Deus. Amen! Amen! Amen!

Algumas horas antes do primeiro tiro de peça de Trafalgar, Nelson, depois de mirar longamente o retrato de Lady Hamilton, escreveu no seu canehno.

Era a ultima pagina de amor redida antes que a morte deixasse cahir sobre elle o peso do livro todo.

Disse Nelson nesta hora suprema:

«Possa Deus Todo Poderoso conceder ao meu paiz, para bem da Europa, uma victoria gloriosa. Que não seja enxovalhada pela má conducta de ninguém, que e frota ingleza, após o triumpho, se assignale pela humanidade.

Quanto a mim entregarei a vida nas mãos do Creador. Abençoados sejam por Elle os meus esforços para servir fielmente o paiz. Confio-lhe os meus destinos e a justa causa cuja defesa me foi entregue. Amen! Amen! Amen!»

Nelson, allegando os servicos relevantes de Lady Hamilton á causa ingleza em Nopoles, entregou-a ao rei e á Inglaterra, entregando-lhes tambem a filha.

«Taes são os unicos favores reclamados do meu soberano e da minha patria, no momento em que vou combater por ambos.

Que Deus abençoe o meu rei e o meu paiz, assim como quantos eu estimo. Não devo preoccupar-me com a sorte dos meus proprios parentes; serão muitissimo compensados.»

Sobre a mesa do seu beliche, a bordo do immortal «Victory», Nelson deixou fiar as seguintes linhas:

«Minha queridissima Emma, amiga adorada do meu coração, os inimigos acabam de dar o signal para fazer sahir do porto as esquadras alliadas.

Possa o Deus das batalhas coroar de exito os meus esforços. Na previsão de qualquer acontecimento, quero fazer com que o meu nome se possa tornar ainda mais caro a ti e a Horacia, os dous entes cujo affecto me excede a vida.

Como a minha ultima carta antes do combate será para ti, espero em Deus viver bastante para só terminal-a depois da batalha.

Que o céo te abençoe.»

A Inglaterra fachoou os olhos a tudo isso. Recompensou, á direita e a esquerda, os parentes de Nelson. Receberam estes os juros monetarios do capital da glorias de Trafalgar.

Nelson salvou nesse dia não só a Monarchia como ao pai. A ambos já dera um braço, um olho. Offereceu-lhes por fim a vida, depois de se haver mutilado.

A quem deveu a Inglaterra o dia de Trafalgar, um dos mais valentes socos britannicos ao peito da França?

Vão respalçar os factos. O almirante inglez supplicou Nelson, desejando oppo-lo a Villeneuve.

O primeiro movimento do almirante foi dizer sim. Tratavase de sovar Francezes.

Massacgado o primeiro impeto, Nelson reflectido, hesitou e rezou. Allegou já ter cumprido o seu dever para com a patria, nada lhe acrescentando a victoria nova.

Consultou Lady Hamilton. Esperava um encorajamento ás suas duvidas e r cruzes. Quem tinha os olhos certos de Aboukir e de Copenhagen bem podia dispensar o passivo de triumpho problematico.

Lady Hamilton impoz silencio ao coração e ao egoismo. Concoitou Nelson a caminhar até á ponta de dever. Animou-a a meditar com Villeneuve, unico dentre os contrarios que lhe resistira sempre.

Não o reteve. Das fraquezas de mulher fez um ramo de heroismo. Offereceu-o á patria, que só podia ser salva por Nelson.

Tinha innumerous erros, commetteu talvez mais um, serviu á Inglaterra.

Morreu pobre, esquecida, me-nosprezada.
Lady Nelson, que passava a vida indifferente ao marido, falleceu rica, apreciada, pelo simples acaso de matrimonio legitimo e infeliz.

Enchessem-na de bens e de honras. Abafassem a familia Nelson com a gavagem das pensões avultadas.

Merecia alguma coisa tambem e insufladora da derradeira e providencial coragem de Nelson.

Um auxilio vitalicio, á soa pa, qualquer coisa correspondente ao ultimo pensamento do moribundo e salvador do convés do «Victory».

Em vez disso, deixaram-lhe dez annos de miseria, a penhora, o exilio, um enterro feito por esmolas na terra alheia, uma covra fora da patria.

Quando, em Londres, eu atravessava Trafalgar Square e via Nelson em cima da eterna altissima e orgulhosa columna daquelle praça, sempre a achava baixa e mesquinha.

Era preferivel menos bronze e mais coraço.

Escragnole Doria

A BASTILHA

O culto da grande Revolução tem dado origem, em França, a numerosas lendas que a fantasia popular se apraz em crear, desvirtuando os factos historicos, inventando acontecimentos, substituindo a verdade pela poesia.

Na reconstituição da verdade, os homens de estudo empregam constantes esforços, recolhendo documentos e dando a publicidade a aquellos que de um modo indiscutivel, estabelecem a realidade dos factos.

Aos trabalhos de Louis Blanc e de Michelet, relativos á Revolução Franceza, succederam-se os de Taine, que os corrigiram. E a esse historiador (que com relação ao vencedor de Austerlitz se mostrou de uma parcialidade censuravel), outros se seguiram. Entre ellas, dois nomes merecem ser particularmente citados; o de Lenôtre e o de Funck-Brentano. Deste ultimo deve mos lembrar o curioso volume «Legendes et archives de la Bastille».

Aquelles que viram a exposição universal de Paris, em 1889, não deixaram de visitar uma imitação do famoso edificio da Bastilha.

Desde que se transpunha a porta, divisava-se, na penumbra, um velho, de longas barbas brancas, que jazia na palha e fazia tinar as correntes que o prendiam.

E o guia explicava aos estrangeiros: «eis aqui, meus senhores, o infeliz Lutade, que com as mãos amarradas no dorso, esteve preso na Bastilha durante trinta e cinco annos».

E o publico francez erá ainda na descrição de Louis Blanc: «Gaiolas de ferro, carcereos subterraneos, terriveis antros habitados pelos ratos e pelas aranhas, tendo por unica mobilia uma grande pedra sobre um pouco de palha. E ahí vivia, num ambiente pestilencial, o prisioneiro, envolto na sombra do mysterio, condemnado á ignorancia absoluta do delicto de que era accusado».

Ora, essa Bastilha de melodia-nha nunca existio, muito menos no seculo XVIII, e em 1789, quando foi destruida. No reinado de Luiz XV aos subterraneos só desciam os condemnados á morte ou os loucos furiosos; ruas Necker, no seu primeiro ministerio, vedou que os prisioneiros de qualquer especie ahí fossem encerrados.

Logo nos primeiros dias, o prisioneiro era submettido a um interrogatorio, sabendo, assim, do que era accusado.

Nenhum era mantido em gaiola de ferro. Cada um tinha um quarto bastante espaçoso, mal illuminado, pois as janelas eram estreitas e gradeadas; mas a mobilia deante não se assemelhava á que é descrita por Louis Blanc.

Um prisioneiro cabia o direito de mandar vir de fora mo-

veis e roupas. O quarto era aquecido, illuminado á noite, e ahí havia papel, penas e tinteiros. Não se prohibia ao prisioneiro tocar qualquer instrumento; entre elles se organizavam concertos. Era-lhes permitido trocar visitas.

Quando Luiz XVI subio ao throno, o tratamento na Bastilha foi ainda mais suavizado. A alguns prisioneiros concedia-se a permissão de saber. Era alli, aliás, a prisão dos representantes das classes superiores.

Voltaire ahí esteve doze dias e foi tratado com toda a consideração.

E existia, então, o uso de indemnizar aquellos que tivessem sido presos injustamente. Um prisioneiro que alli viveu dezolito dias, recebeu 6.000 francos, a titulo de indemnização; outro, que ahí permaneceu dois annos, teve uma pensão annual de 2.400 francos; e a Voltaire, em consequencia dos doze dias de prisão, foi outorgada a renda annual de 1.200 francos.

Como succede a tudo quanto diz respeito á Bastilha, a tomada da prisão, á 14 de julho de 1789, tambem deu lugar a varios lendas. Michelet descreve o facto como um acontecimento dramatico e maravilhoso. Elle não escreve, porem, a historia mas o romance da Revolução Franceza, como acertadamente disse Sardou no prefacio do livro de Funck-Brentano, a que fizemos referencia.

Michelet nos faz assistir á fúria dos parizienses, que, armados, affrontariam as tropas reais, defensoras de Versalhes. Nisso, como no mais, exaggera. Os habitantes da capital queriam, certamente, a abolição de abusos e de privilegios, reclamavam, em summa, reformas para a França inteira; desejava; mas, esperando, confiantemente, que essas reformas proviessem da monarchia, a que eram sinceramente dedicados. Correram, sem duvida, ao palacio de Versalhes, armados, mas não para derrubar o throno. A 13 de julho, decidiram constituir uma guarda civica, na defesa da cidade contra individuos que tinham costumes que tinham invadido a capital, saqueando as lojas, insultando as mulheres, abrindo as prisões. Desses excessos os parizienses se preocuparam até 14 de julho, muito mais do que das intenções da corte; e se a guarda civica tivesse tido uma organização mais severa, é possivel que a insurreição que determinou a tomada da Bastilha, houvesse sido repellido.

«A 13 de julho (escreve Michelet) Paris se defende; a 14 de julho, elle assalta. Uma voz deserta Paris e lhe grita: «Vá tomar a Bastilha!». E foi o dia do povo». Tal o que tem o inconveniente de ser inexacto. Eis o que diz Marat, testemunha que não é, seguramente suspeita, e que, visinho, presenciou os factos: «A Bastilha era mal defendida e foi conquistada por alguns soldados e por algumas pessoas do povo, em geral provincianos e allemães. Os Parizienses, athenos curiosos, foram, por simples curiosidade, assistir ao espectáculo».

Na realidade, todo esse «povo», de que falla Michelet, se reduz a algumas centenas de pessoas (trezentas, segundo se calcula), compostas de desertores de todas as armas, bandidos e, sobretudo, vagabundos.

O Chanceler Saquier refere ter sido testemunha visual da tomada da Bastilha: a luta não apresentou nenhuma luta; a resistencia foi nulla, e os espectadores, entre os quaes se viam muitas senhoras elegantes, não revelaram nenhum pavor. Não foi disparado um só tiro de canhão, pois desde a manhã, o governador da Bastilha mandara retirar as quinze canhões que occupavam a plataforma. A Bastilha não dispunha de provisões para um só dia; os vivos foram interceptados; os invalidos, que formavam a guarnição da fortaleza, apresentaram esse pretexto para se rebellem, e essa revolta fez vacillar a resistencia

do governador, o qual abriu a porta, sem que as balas dos assaltantes tivessem matado um só homem. Foi punido pela sua fraqueza. Cortaram-lhe a cabeça, que carregaram em triumpho pelas ruas de Paris; o isso foi o principio de uma serie de horrores, que conduziram á decapitação do rei e da rainha e ao regimen do Terror.

Uma das salas da Bastilha continha, em mappa, toda a historia da celebre fortaleza; desde 1659. Ahí se viam, não só os documentos relativos aos prisioneiros, como a lista de todas as pessoas processadas no districto de Paris por ordem real (sette de cachet). Esse archivo foi dilacerado, em parte, no saque da Bastilha; mas algumas mappas foram parar ás mãos do embaixador da Russia e hoje se acham na Bibliotheca Imperial de S. Petersburgo.

A palavra «Bastilha» significa na origem uma terra movediça, semelhante áquella de que se lê uma descrição em Jules César.

Froissart, tratando de cidades sitiadas, diz que para impedir que uma cidade obtega provisões, se construa estradas, a que se dava a denominação de «bastides». O nome passou a indicar as torres estavéis edificadas na defesa das cidades, e principalmente as que guarneciam as portas.

Em 1356, os chronistas de Paris fazem menção de fortificações; e os alcoroes da Bastilha, foram assentes em 1370, quando se fizeram obras de defesa contra os Ingleses.

A construção permaneceu no mesmo estado desde o ultimo quartel do seculo XIV; mas o emprego a que ella foi destinada, variou no decurso dos annos. Luiz XI e Francisco I ahí deram esplendidas festas e alli acolheram reis que, de passagem, visitavam Paris.

Richelieu a transformou em prisão do Estado; mas a Bastilha recebia tambem personagens que, embora não tivessem attentado contra a segurança da nação, não poderiam ser incluídos entre os prisioneiros communs.

Durante muitos annos, teve um caracter militar e encheram officios punidos por infracções á disciplina.

No reinado de Luiz XIV, a Bastilha se encheu de escriptores, jansenistas, p otestantes, que não podiam habitar com os malfeitores, os quaes eram recolhidos nas prisões Biôtre e Saint-Lazare.

Nessa época, fizeram-se processos mysteriosos, por magia, envenenamento, ou hagem de moda falsa. Os individuos accusados dessas delictos era encarcerados na Bastilha.

Nesse reinado, houve o mysterioso «massacre da ferro». Sabese que a machoira, não de ferro, mas de vellulo, occultava o rosto do Coute Mattioli, Ministro do Duque de Mantua, o qual, por ter tratado Luiz XIV, foi preso na Bastilha. O mysterio era imposto pelos principios mais elementares do direito internacional, que o rei da França desrespeitava.

Até á época de Luiz XIV, quando foram mais numerosas do que nunca as «lettres de cachet», o numero de prisioneiros da Bastilha nunca foi superior a trinta por anno.

No seculo XVIII, esse numero diminuiu. Nos annos que precederam a Revolução, elles não eram mais do que dez. A 14 de julho de 1789, tinha apenas sete prisioneiros.

O Governador recebia 80.000 francos por anno. E Necker, diante da inutilidade dessa prisão, pensava em supprimil-la, por economia. Muito tempo antes da Revolução, já se tratava de a arrazar. Em 1781, o archibeteo Corbat apresentou um plano, para substituir por uma praça (que se titularia de Luiz XVI) e a fortaleza.

Utros artistas propunham erigir ahí um monumento ao R. i. Essas planas se tornaram, bem entendido, irrealizaveis, perante a Revolução, que derrocou a velha Bastilha.

A GRANDE HOMICIDA

Senti minh'alma profundamente abalada, lendo a noticia do tragico assassinato de Gaston Calmete, redactor do «Figaro» grande diario parisiense, pela Senhora Henriqueta Caillaux, esposa do illustre estadista, que com tanto brilho dirigia a pasta das finanças na grande republica franceza.

Este facto teve dolorosa repercussão no mundo inteiro e, sem duvida, uma eloquente lição e um terrivel exemplo. Chegamos a um ponto em que, na deficiencia das leis, temos necessidade de nos armarmos contra o banditismo jornalístico. A intitulada liberdade de imprensa transformou-se em suprema licenciosidade. A honra do cidadão já não tem garantias diante dos arremessos desse tigre sedento de sangue e de lagrimas e que se nutre da reputação dos homens mais eminentes, especulando com os escandalos e os negociantes especulam com as mercadorias mais raras. Chama-se liberdade de imprensa a faculdade de todos os abusos contra tudo e contra todos. ninguem cogitando sequer em procurar o apoio legal, porque a imprensa solidaria na licença, faz mudo a quem quer que se lembre de punil a pelos seus desregramentos. Os juizes temem condemnar essa entidade intangivel chamada jornalista.

Não estamos longe dos tempos em que, como para os militares, haja um tribunal especial para os jornalistas, como em tempos idos houve um tribunal para o clero. Compreende-se de se que a situação actual, diante de uma imprensa commerciante, que procura cavar a vida e ganhar muito para sustentar seu luxo, torna-se temerosa, principalmente para os homens de responsabilidade de governo.

Muitos patriotas brazileiros, desses que, ignorando o que se passa no estrangeiro, entendem que por lá tudo é bondade e que, entre nós, tudo é ruim, pensam que só no Brazil, a imprensa é arrogante e chantagista, explora os escandalos reaes ou inventados e desce até á infamia dos ataques á honra privada e da familia dos adversarios. Vemos que, em França, tambem ha fadas.

A grande desgraça que entufo o lar do illustre estadista francez, veio pôr em triste evidencia um mal enorme, que é preciso ser estudado e remediado. O mundo no percurso da historia, teve tres senhores soberanos: o padri, o soldado, e agora, o jornalista. Incontestavelmente, a imprensa exerce o papel preponderante que o clero exerceu na idade media. Como attentar, mesmo nos limites das leis, contra um jornalista é attentar contra a liberdade de imprensa, antigamente, attentar contra um padre era attentar contra a religião. O que o padre realisava do pulpito, fulminando reis e poderosos, entrando na vida privada a pretexto de corrigir os costumes, faz actualmente o jornalista da imprensa com o mesmo desassombro e arrogancia, nada respaldando, não recuando diante de cousa alguma. Esse sport de diffamação cabe no gottto dos basbaques, que tem gosto pelos escandalos. D'ahi as grandes vantagens pecuniarias que alteram os jornaes, que exploram esse rico filão.

O escandalo está na indole das massas; mas nellas actua outras razões de ordem social preponderantes: o odio das classes, a ganancia pela victoria.

Encherça bem pouco quem não vê que uma nova ordem

de cousas desponha, cheia de vigor e de entusiasmo para o ultimo combate ao resto de feudalismo ainda vigorante apesar da revolução franceza. O velho alicerce catholico fendal não está completamente minado em seus fundamentos. Essa agitação que conturba os povos, encandecendo-os, movimentando-os em todos os sentidos, tem raizes profundissimas na historia e é mais alguma cousa que as falladas conquistas democraticas.

As novas elites de que falla Pareto, tomam posição na grande liça.

Os dominadores actuaes, enfracuecidos, applaudem seus aggressores e a prova temos, justamente, nessa incontestavel liberdade de imprensa, obra puramente demolidora, arma de combate popular, e que os governantes, por medo ou por inepcia, deixam campear impunemente sobre os destroços das proprias instituições, que os sustentam e que elles não sabem ou já não podem defender.

A lucia, encarniçada na imprensa, tem de fatalmente sahir para o ensanguentado terreno das vias de facto. Como na idade-media, a força bruta terá, tambem, uma feição juridica. Onde o direito for impolente para regular as acções humanas a força apparecerá regalando-as como o extremo recurso da legitima defesa.

Os fortes se defenderão seja como fór.

A illustre senhora, que acaba de matar o jornalista do «Figaro», deu o exemplo dessa fortaleza heroica que immortalizou Judith e fez da jovem e formosa Carlota Corday, o anjo do assassinato, na expressão de Lamartine.

Eu não tenho o menor escrupulo em beijar a mão daquelle delicada mulher de animo viril, que collocou os melindres da honra acima das mais brilhantes conveniencias pessoais e tudo quanto ha de elevado nas posições mundanas sacrificou dignamente para lavar-se de affrontas, que os tribunales deviam, mas não têm coragem de punir.

A historia registra poucos casos como este. Os grandes crimes sensacionais têm outras precedencias e outros auctores.

Ha os crimes passionaes, os crimes por odio particulares ou politicos. As amantes matam os amantes; os bandidos matam para roubar; os fanaticos matam visando a victoria de uma causa, que julgam triumphar com a morte de um homem.

No caso presente, a morte de Calmete, foi um desforço pessoal, foi o justicamento de um desses veteranos bandidos da chantagem jornalística, que explorava a torpeza das massas, arrancando-lhe o dinheiro em troco das mais escandalosas mentiras, das mais baixas intrigas. Não ha homem politico, que não soffra as mais truculentas accusações, vendo sua honra privada, sua vida publica enlameada atrozmente em honramen a ganancia popular que se regala sem escandalos, dramatisados, tirados de factos deturpados, invertidos no sentido de produzir o desejado, effeito. A unica consolação, que pode haver para os homens publicos, é que, pelo exagero e diuturnidade das aggressões, ninguem lhes dá credito e todos as applaudem como applaudem as scenas de qualquer drama. A certeza da impunidade torna os foliculários sempre e mais audaciosos, principalmente por que sabem que é, justamente, pelo desregramento da linguagem que fazem carreira e dominam a opinião

desvaída, avida de sensações violentas. Os jornais serios não tem vida. Os jornalistas doutrinarios não tem popularidade.

O jornalismo, que é uma mercancia, o jornal que é um batcão, têm necessidade do reclamo para ganhar dinheiro, e o reclamo mais precioso pela experiencia é a exploração dos grandes escandalos.

Muitas vezes a campanha contra um ministro, contra um chefe de estado, provem de desgostos pecuniarios ou da contrariedade de interesses. Em qualquer hypothese, quiz valor moral pode ter uma opposição dominada por semelhantes moives?

O povo, que tem odios concentrados contra os grandes, vingam-se delles applaudindo e enriquecendo seus detractores, muito esquecido, em elizmente, que esse jornalista rubro, inflamado defensor de todos os principios democraticos e moraes, galgando o poder, perde o fingido interesse pelo povo e, por sua vez, passa a ser, para outros jornalistas, que desejam a sua posição, um miseravel ganhador, um traficante, um bandido politico!

Si não temos juizes que appliquem as penas legais contra os maus jornalistas, por amor da mal entendida liberdade de imprensa, da mesma forma, não temos juizes que appliquem as penas legais contra os maus governos. Só os tribunales marciais nos tumultuosos periodos revolucionarios se encarregam dessa missão, não ja para fazer justiça, mas por vingança, dando todo o libello por provado, e fatalmente condemnando o adversario vencido. O tribunal que condemnou Ferrer, certamente absolveria Maura. O tribunal que condemnou Malesherbes, naturalmente absolveria Marat. Pelo menos, a opinião publica victoriosa, que golpiza injurias sobre Maria Antonieta, dava culto á Theroinne.

A opinião publica actual, em Paris, a patria de todas as liberdades, descende dessa opinião publica que profanava a virgindade de Carlota Corday em seu cadaver ainda quente, enanguentado sobre o tablado da guilhotina. E' natural, que hoje, um seculo depois, apue a santa heroína de amor conjugal, depois de ter applaudido a senhora Steinheil.

Diante desses sombrios dramas de uma tal grandeza tragica e divina a considerações de quantos naturaeza são inoppor-tunas e sempre covadas de fal-sidades. O sentimento nelles vale mais que a razão. Mas o sentimento, aquillo verdadeiro sentimento humanizado, christão, deve ser pela senhora Cail-laux e não pelo jornalista Calme-te. A viuva, aqui não foi a assassina, mas o assassinado. Este foi quem provocou o crime este foi quem motivou o crime pela sua aggressão clara e cruel, contra a senhora Cailaux e seu illustre marido. Para os que entendem que ha a o de desgraça vo pe soal, que não podem ser pedidos nem dados pelas leis, poderão comprehender tudo quanto desajava exprimir nestas linhas, em, tambem um jornalista cheio de muitos dos peccados de Calme-te, mas, nem por isto, partidario da sua causa. Não considero a mãe, a esposa, a mulher, usando o nome aureolado de um dos maiores estadistas da França contemporanea, arremessada, num momento de heroica allucinação, do fastigio da grandeza, ao banco dos réos uma criminosa vulgar. Estas estupidas mutações da vida humana, compungem, atordoam, mas são communs. O que admirar é haver tolos que se orgu-

hem com essas ephemerias vaidades mundanas. As lagrimas que tamanha desgraça occasionam, não ficam bem aqui. O que me preocupa é a these geral, que formulei e que procurei elucidar: o jornalista, confiado na ineracia dos tribunales, que ataca com cruel desabrimento a reputação dos homens publicos, nada poupando até na vida privada, são os aggressores, e repellir a aggressão, até pelo extremo do homicidio, é um acto de legitima defesa e, como tal, justificado pelo codigo penal.

As minhas mais sinceras sympathias, sem a influencia de sentimentalidades morbidas, como jornalista, como jurista, como pae de familia, como homem em fim, são todas por essa mulher heroica e devotada, que a allucinação da honra atirou ao banco dos réos.

As mulheres, que cultivam todos os sports, nos dão licença até nesses actos de heroismo e de sangue frio, mostrando-nos que as leis da honra valem mais que as leis sociaes e que, si temos o direito de matar o ladrão, que nos assalta para tomar-nos a bolsa, mil vezes razões teremos para matar o ladrão, que nos assalta a honra. Isto já foi dito e pensado por um dos heroes dos dramas shakspearcanos.

A lucta pelas posições na vida, lucta pelo pão, pelos confortos e pelo amor, cada dia en-crudesce mais. Uns morrem em meio do caminho e outros passam adiante nessa horrenda e gigantesca procissão de almas dantescas, cada qual cumprindo a sua sentença irretiravel neste inferno terrestre.

Feliz ou infelizmente, não somos feitura de nossas mãos, obra da nossa vontade. Todos trazemos do berço as prophacias do nosso destino, para usar uma phrase de Lamartine.

Vimos num circulo de tre-mendas fatalidades physicas e moraes. Não tentamos muito amor a esta vida, tão cheia de amarguras e provações horren-das mesmo para aquelles que pareciam os mais felizes.

Pobre mulher! Como teus filhos, no futuro, terão o nobre orgulho de te chamarem mãe, illustre entre as mais illustres mulheres da França! Cornelia não foi mais digna do que tu.

C. F.

MOVIMENTO SOCIAL

Fez saber, hontem, a jornalista de nome, Des Rosa, que trouxe a filha do sr. coronel João A. Rosa. Plena por tres, signifi a vas provas de com-deração e de timo.

Em hontem, mais foz a filha pro-argem do sr. advogado nabeiro, a famosa senhora Maria Rubim, distri-cta filha do capitão Arthur Rubim.

A proposito da morte de Meneick, recordam os jornales francezes as relações commerciaes que o poeta Arthur Rim-baud, o amigo intimo de Ver-laine, manteve com aquelle soberano.

No Mercure de France, ex-põe o Sr. Paterno Berrichon o historico das referidas nego-ciações, segundo os documentos existentes no Ministerio das Colonias. Em 1885, resolveu o poeta—que, já antes, fôra, du-rante muitos annos, agente de uma casa de Aden—negociar por sua conta e fazer fortuna, graças á amizade de Meneick e do Ras Mankonen. Associa-do a um negociante francez, Labatut, formou Rimbaud uma caravana e apromptava-se para levar ao centro da Abyssinia um carregamento de armas e munições, quando as autori-dades de Obok se oppuzeram á sua partida e lhe sequestram a mercadoria. Rimbaud

protestou energeticamente, numa longa carta ao Ministerio das Relações Exteriores de França, na qual dizia que «nada justifi-cava a medida em questão e podia para ser indemnizada, não só pelo valor do carregamento como pelo lucro que elle lhe daria (lucro consideravel, dados os risos a correr) e ainda pelos ganhos que elle havia de realizar á volta, com os productos abyssinios que con-tava trazer consigo. O total dessas reclamações subia a 258,000 francos. E Rimbaud acentuava ainda o erro politico que consistia em se difficul-tar o commercio entre a colonia de Obok e a Abyssinia.

A vista dessa carta, o Go-verno francez levantou a inter-dicção. Partio finalmente a caravana; mas a morte de Labatut e outras circumstancias re-duziram de tal maneira os lu-cros previstos, que Rimbaud tomou á sua conta as dividas do seu associado. Contava tirar a fôrta, em outra expedi-ção. Da segunda, vez, porém, e apezar das diligencias do Sr. Fagot, deputado pelas Ardennes e amigo de Rimbaud, sobreveio identica prohibição. O Sub-Secretario de Estado Felix Faure declarou que as relações que a França entretinha com a Inglaterra, implicavam a prohibição de qualquer importação de ar-mas. E quatro mezes depois, o seu successor decretava uma medida contraria, de novo an-nulada ao cabo de duas sema-nas.

Rimbaud, então, cansado de aturar a inconstancia franceza, tomou o partido de se estabele-cer em Harrar e negociar sob o pavilhão inglez.

Varias Noticias

Telegrapho Nacional — Te-telegrammas retidos: Rogério Brasilino, Marcellino, Juni, dr. Domingos Monteiro, Simplicio Mello, Constancio Lopes, Felix Sliwak. O serviço para o Sul da Bahia soffra a demora de 12 ho-ras.

Notas policiaes.—Patrolha —Patrolhará a cidade e mer-cado publico hoje (doming) o subdelegado do 6.º districto, sr. Basilio da Rocha Cabral, e o theatro e do 3.º districto, sr. Manoel Francisco Monteiro.

Amanhã (segunda-feira) pa-trulhará a cidade e o mercado o do 2.º districto sr. Joaquim Antonio de Moraes, e o theatro, o do 4.º districto, sr. Joaquim Guedes de Vasconcellos.

—Prisões correccionaes.—Esti-veram detidos correccionalmente, por ordem do subdelegado do 4.º districto os individuos Fractuoso Rodrigues, Feliciano Rodrigues e Josefa Maria da Conceição, por disturbio, os quaes já se acham em libarda-de, e por ordem do delegado de Policia, coronel, Laurindo Cam-pello, o individuo Raimundo João Baptista.

Dr. Miguel Rosa.—Como noticiamos, partiu hontem para Campo Maior, o exm.º sr. dr. Miguel Rosa, governador do estado. Com S. exe.º foram o dr. Abdias Neves, o dr. Hy-gino Cunha, o commandante da policia tenente coronel R. Mendes Burlamaqui, o sr. Pin-to Nabor, o dr. Antonio Luiz de Araia Leão, o ajudante de ordens tenente Leopoldo Car-valho, os tenentes coronéis Joel de Oliveira, Elishão Andrade, João Crysosthomo de Oliveira o dr. Acrizio Sampaio. A to-dos desejamos muito feliz vi-agem.

CORPO MILITAR DE POLICIA.— —Serviço para o dia 26 (doming) Rondará a guarnição, o sr. capitão Manoel Souza

Estado-maior, o Sargento Amanoc-se Tataly.

Da ao corpo, 2.º sargento Leal Guarda do palacio, 2.º sargento Abilio, cabo João Domingues cor-necta Francisco Ferro.

Guarda da cadeia, 2.º sargento Jesé Martins, cabo Pedro Borges e cor-necta Narcizo.

Guarda da delegacia fiscal, cabo Ben-jamin.

Guarda do quartel, cabo Eduardo Patrulla, cabo Manoel Marques.

Piqueite, corneta apprendiz João Carneiro.

Uniforme (2.º).

TRIBUNA LIVRE

DR. CHRISTINO CRUZ

Sem o sentimento puro da gratidão, o homem não se distinguiria com superioridade de todos os seres vivos que povoram a terra.—E, considerando este sentimento o mais altruista e sublime de todos, convindo aos meus amigos e ao povo para assistir na cathedra, ás 7 horas da manhã, a Missa fúnebre que no dia 7 de Maio, mandarei celebrar em suffragio da alma do meu grande amigo dr. Christino Cruz, digno representante do Estado que lhe servio de berço, moço ainda e cheio de risoalhas, esperanças pelo progresso de seu estado e tambem deste onde reside grande parte de sua distincta familia, baixou ao tumulo o grande vulto, enjca perda, jamais será esquecida pelos innumerados amigos sinceros que deixou. Dentre estes, embora o mais humilde, era eu um geador tão insolvavel das generosidades de seu coração, que a sua morte esmagou-me! A prova da nobresa de seu caracter, eu acolhia a cada momento, pelas distincções que me fazia merecedor; e é por isso que, com a mais justa razão venho profundamente penhora-do, render-lhe o preito da mais sincera e simmoreduda grati-dão.

Nem a morte com seus hor-rores, apagará da minha mem-oria a saudosa lembrança do grande amigo que já não ex-iste.

Assim, pois, aqui deixo gra-vado nestas simples palavras o penhor do meu sincero reco-nhecimento e o culto de eterna gratidão ao espirito reconhecido e benfazejo daquillo que em vida se chamou Christino Cruz.

Therezina, 23 — 4 — 914.

Marcellino Machado.

Collar Vinho genuina-mente de Colla-res, sem equal para meza. E' com Arnaud & C.ª.

Cinema Guarany

Hoje! Monumental programma Hoje!

ÁS 2 DUAS HORAS DA TARDE COMEÇARÁ O matineé

Com cinco interessantes fitas comicas

2 secções

A noite

Pela ultima vez o extraordinario drama

O ultimo abraço

—OU—

O Suplicio da Esposa

Scesso mundial

Completará o programma o lindo FILM tirado do natural
UM DIA EM MONTEVIDEO e christosa fita BEBÉ,
policia a força, comica irresistivel.

Todos ao Cinema Guarany